

MANOEL BOMFIM, INTÉRPRETE DO BRASIL: A EDUCAÇÃO COMO REPRESENTAÇÃO DO PROGRESSO E DA FORMAÇÃO DA NAÇÃO

Silvana Mansano

Doutoranda do curso de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP -, Marília; São Paulo; Brasil;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Endereço eletrônico: silvana.mansano@unesp.br

EIXO TEMÁTICO: Ciências Sociais, Filosofia e Educação Escolar.

MANOEL BOMFIM, INTERPRETER OF BRAZIL: EDUCATION AS A REPRESENTATION OF PROGRESS AND NATION-BUILDING

RESUMO

A fim de forjar uma sociedade mais igualitária, notáveis pensadores se lançaram à árdua tarefa de interpretar melhor as mazelas que emperram este avanço. Dilemas não resolvidos do passado nos impulsionam a encontrar possibilidades que se esvaíram com os anos, buscarmos os futuros construídos por outros pensadores, a fim de nos obstinarmos a encontrarmos saídas para o Brasil. Um desses pensadores que nos impele nesta direção é Manoel Bomfim (1868-1932), incansável em sua busca de decifrar o que paralisava o Brasil para encontrar o rumo à igualdade social. Era considerado um intelectual divergente por conta das posições claras e firmes contra o racismo cientificista que, no início do século XX, atribuía aos negros e indígenas o atraso social, político, moral e econômico. Nesta direção, o intuito aqui é retomarmos o pensamento em sua obra mais proeminente, *A América Latina: males de origem*, publicada em 1905, onde faz emergir a preocupação de toda sua vida: que a educação seria o meio de desatar o nó górdio da realidade brasileira, o que o faria produzir uma vasta publicação a respeito. O objetivo aqui neste estudo é trazermos à baila a teoria sobre o *Parasitismo Social*, que singulariza o pensamento de Bomfim na sua época, onde reformula o debate do atraso latino-americano, enfatizando a defesa da educação, que para ele era o mecanismo à emancipação dos povos e à construção de uma sociedade mais igualitária.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel Bomfim; Pensamento Social; Educação.

ABSTRACT

In an effort to forge a more egalitarian society, notable thinkers undertook the arduous task of better interpreting the ills that hinder this progress. Unresolved dilemmas from the past drive us to seek out possibilities that had faded over the years and to explore futures envisioned by other thinkers, spurring our determination to find a way forward for Brazil. One such thinker who propels us in this direction is Manoel Bomfim (1868–1932), who was tireless in his quest to decipher what was paralyzing Brazil and to find a path toward social equality. He was considered a maverick intellectual due to his clear, firm stance against the "scientific racism" that—in the early 20th century—attributed the country's social, political, moral, and economic backwardness to Black and Indigenous populations. Accordingly, this study revisits the ideas presented in his most prominent work, **A América Latina: males de origem** (The Latin America: Ills of Origin), published in 1905. In this book, he highlights a lifelong preoccupation: the conviction that education was the key to untying the Gordian knot of Brazilian reality—a theme that inspired a vast body of work on his part. The aim here is to examine his theory of "Social Parasitism," a concept that distinguished Bomfim's thought from that of his contemporaries; through it, he reframed the debate on Latin American backwardness by championing education as the mechanism for the emancipation of peoples and the construction of a more egalitarian society.

KEYWORDS: Manoel Bomfim; Social Thought; Education.

1. INTRODUÇÃO

“Viver é progredir, declinar já é morrer; a moral, o aperfeiçoamento, é a vida que se desenvolve. Mas, não esqueçamos, a vida não se deixa mutilar; quem não queira declinar tem de aceitá-la e vivê-la integralmente, ativamente. Viver é progredir, e progredir é agir eficazmente, dirigindo o esforço no sentido de um plano determinado, harmonizando os atos e as aspirações, dando à existência essa unidade de que é a própria beleza moral.”
Manoel Bomfim, 2008, p. 289

O presente trabalho analisa importante parte da fortuna crítica de Manoel Bomfim, focando em sua interpretação dos legados coloniais na América Latina. Investigam-se as denúncias do autor acerca do parasitismo social, das desigualdades e dos mecanismos de exclusão, sublinhando a atualidade de seu pensamento para decodificar as contradições da sociedade brasileira contemporânea.

Para referida investigação, tornou-se importante fazer emergir três eixos temáticos importantes do pensamento bomfimniano: 1) o *Parasitismo Social*, posto que Manoel Bomfim rejeitou terminantemente as teorias raciais que afloravam na época e que diziam que nosso atraso se devia ao clima e à inferioridade racial. Para o estudioso, o cerne principal a ser eliminado era o “parasitismo” feito pelos países colonizadores, que se enriqueceram sugando as riquezas da América Latina e, não apenas isso, mas deixando em seu lugar a herança de elites que perpetrariam infinitamente essa exploração, custasse o sangue de quem fosse; 2) a crítica

enfática ao *Darwinismo Social*, pois Bomfim foi um dos raros pensadores da sua geração a combater fortemente o racismo científico e o determinismo biológico, defendendo que as desigualdades aviltantes eram resultado de uma exploração feita pelos colonizadores e da falta de educação pública que não era oferecida pelos atuais governantes e que longe estava de ser uma anomalia genética; 3) a *Educação como fonte de libertação e igualdade social*: o autor acreditava que existia uma ignorância que era programada pelas elites governantes, afinal isso faria com referida falta de instrução da maior parte dos cidadãos os tornariam ferramentas de fácil manutenção do poder oligárquico, portanto, somente a educação massiva faria a libertação com igualdade.

Manoel José do Bomfim (1868-1932), era sergipano, médico, historiador, educador, escritor e político, com uma obra vasta que abrangeu diversos campos de estudo e do conhecimento quando estes ainda não estavam totalmente consolidados, transitando pela psicologia, história, medicina, zoologia, botânica, sociologia, educação e educação infantil. Seus estudos o fizeram tomar posicionamentos social e político distintos dos intelectuais expoentes do mesmo período, o que lhe causou também um cerceamento, se comparado a outros intelectuais da época.

Filho de fazendeiro, Manoel Bomfim, ingressou em medicina em 1886, inicialmente na Faculdade de Medicina da Bahia, mas finalizou os estudos no Rio de Janeiro, em 1890, com a tese *Das Nephrites*. Nascido em uma época de intensas mudanças, teve a oportunidade, com seu olhar apurado, de observar imensas transformações políticas e sociais e, delas, extrair reflexões que o tornariam grande pensador social (Santos, 2022).

Com uma carreira meteórica, em 1891 ingressa na Polícia Militar do Rio de Janeiro, passando a tenente-cirurgião da Brigada Militar, onde ficará até 1894. Casa-se com Natividade Oliveira, sua esposa até o fim da vida, com quem tem dois filhos: Aníbal e Maria. A filha falece por volta dos dois anos, mesmo usando de todo seu conhecimento médico, fazendo-o entrar em profundo luto e repensar os rumos da sua carreira. Bomfim abandona a medicina e cursa magistério, entrando na Escola Normal do Rio de Janeiro, onde assume a cátedra de Pedagogia e Psicologia (Conde Aguiar, 2000).

Em 1897, foi convidado por Machado de Assis para ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL), mas declina. A recusa, segundo Conde Aguiar (2000), soma-se a não aceitar fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e isso é atribuído à sua postura de independência intelectual e ao fato de ser visto com desconfiança pela elite intelectual da época, especialmente por ser um crítico mordaz das estruturas sociais brasileiras, o que virá a ser confirmado, anos depois, no livro *A América Latina: males de origem*.

Segundo Patrick Santos (2023), em 1902 Bomfim vai à Paris, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, para especialização na área pedagógica, estudando Psicologia na Universidade de Sorbornne, que o alicerçará a assumir a disciplina no *Pedagogium*¹. Estudando com grandes expoentes, como George Dumas e Alfredo Binet, elabora, anos depois, a instalação do primeiro Laboratório de Psicologia Brasileiro, inaugurado em 1906, no *Pedagogium*, onde será diretor até sua extinção. Em 1906 foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Decide entrar na política e, em 1907, foi eleito deputado federal, defendendo sempre as pautas ligadas à educação (Santos, 2023).

Apresentando uma obra bem significativa no conjunto do pensamento social brasileiro, há de se ressaltar que, por seu posicionamento, sua obra acabou por ser relegada – o que não quer dizer que tenha sido banida por completo, pois ainda desfrutava de prestígios intelectual e social importantes. Porém, entre seus pares, esse reconhecimento ficou restrito, sobremaneira, por causa das diferenças de visão com Sílvio Romero, já que ambos discordavam sobre a herança portuguesa na formação brasileira. Sílvio Romero irá perseguir Bomfim por muitos anos, exatamente por não se alinhar às teorias raciais e seguir se contrapondo à herança portuguesa.

Manoel Bomfim, um intelectual inquietante e ousado para a época, foi um dos pensadores mais relevantes no início do século XX ao propor uma visão crítica sobre a formação histórica e social do Brasil. Sua análise destacou as consequências de um processo colonizador voltado exclusivamente à exploração, que priorizava o lucro das elites europeias em detrimento do desenvolvimento social, econômico e cultural das populações locais. Em suas obras Bomfim condena a exploração colonial como um fator determinante para a perpetuação das desigualdades e das injustiças sociais, tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina (Bento, 2019).

O livro *A América Latina: Males de Origem* foi escrito em 1903, quando de sua estada em Paris para estudar psicologia², mas será publicado no Brasil somente em 1905. Na concepção do autor, demonstrada nesta obra, há situações pregressas que explicam as condições complexas e “inferiores” em que se encontra a América Latina, demolindo o mito da inferioridade racial que predominava no início do século XX. De acordo com Castro (2017), a obra é fruto de uma provocação feita por um jornal parisiense, que solicita ao estudioso uma entrevista que fosse

¹ O *Pedagogium* foi um museu pedagógico fundado em 1890, e se localizava na cidade do Rio de Janeiro, no então Distrito Federal, no Brasil. Em 1897 foi transformado num centro de cultura superior e, em 1906, recebeu o primeiro laboratório de psicologia experimental do país, idealizado e executado por Manoel Bomfim. A instituição foi extinta em 1919.

² Em sua viagem a Paris, entre 1902 e 1903, com bolsa de estudos do governo brasileiro, Bomfim estudou Psicologia Experimental com Alfred Binet (1857-1911) e George Dumas (1866-1946), na Sorbonne.

capaz de esclarecer os problemas gerais que aconteciam na América Latina. Em sua tese, Bomfim desenvolve um texto não apenas inovador, mas também contrapõe-se às ideias predominantes do início do século XX, qual seja, de que o atraso da América Latina viria exclusivamente devido à população negra e indígena. A solução para os problemas levantados em sua obra estaria numa saída simples, mas que exigiria constância e tenacidade: o desenvolvimento de uma *educação* que fosse capaz de levar à conscientização e à igualdade.

Ao manter-se firme na discordância do pensamento vigente do período - não apenas no Brasil, mas na América Latina -, Bomfim ataca a reprodução do discurso europeu, passando a ser um dos únicos pensadores da época a formular que o atraso da América Latina se devia não ao povo, mas a uma classe dominante medíocre que organizou as sociedades em proveito próprio (Castro, 2017). A leitura de Manoel Bomfim torna-se importante não apenas por ser uma voz dissonante e sulcar caminhos à compreensão da construção dos países latino-americanos mas, também, para compreender porque acabou sendo um autor à margem do grande público, já que sua postura enquanto pensador social desagradou, sobremaneira, as elites dominantes da época.

Seu alijamento é tão latente que somente a partir dos anos de 1960 começa a ser citado amiúde e, apenas nas últimas três décadas seu nome desponta como um dos grandes intelectuais que não se furtou de expor seu pensamento, mesmo que isso lhe custasse não fazer parte da elite intelectual do país. Por isso Bomfim vem sendo realocado entre os principais intérpretes do Brasil, apresentando um projeto nacional que contraria as perspectivas teóricas do pensamento social do seu tempo, permanecendo como um intelectual inovador, capaz de propor a configuração de visão de uma nova sociedade, qual seja, oferecer a todos a oportunidade para que alcancem uma noção de cidadania com consciência e igualdade. E, para Bomfim, somente a educação teria o condão de amalgamar toda a sociedade rumo à igualdade, algo que tentaremos explicar mais neste trabalho.

2. METODOLOGIA

Este trabalho adotou o método de revisão bibliográfica, que consiste na análise e interpretação de materiais já publicados, como livros, artigos científicos e outros documentos acadêmicos relevantes sobre o tema em questão. Para a realização deste estudo, foram consultadas bases de dados amplamente reconhecidas, tais como *Scielo*, *Google Scholar* e periódicos de alto impacto na área de ciências humanas e sociais. A seleção do material foi norteadada pela relevância dos textos para a compreensão das contribuições Manoel Bomfim na análise crítica das marcas deixadas pela colonização nas sociedades brasileira e latino-

americana. Estudos que contextualizam e interpretam suas reflexões foram priorizadas para garantir profundidade e rigor analítico.

A abordagem utilizada busca sistematizar os conceitos e as interpretações presentes na literatura acadêmica acerca das dinâmicas presentes e dominantes do período, explorando os dados levantados sobre exploração, exclusão social, parasitismo da Europa na América Latina e as desigualdades sociais resultantes e denunciadas por Manoel Bomfim. A análise do *corpus* bibliográfico envolveu uma leitura criteriosa dos textos selecionados, um fichamento rigoroso do livro base deste estudo, qual seja, *A América Latina: males de origem*, com foco na identificação de trechos que mostrassem a *Teoria do Parasitismo* e suas implicações para o contexto histórico, que desembocam na atualidade. A partir disso, foram organizados os argumentos em categorias temáticas, permitindo uma interpretação integrada e crítica das ideias bomfimnianas sobre referida teoria, com vistas a relacioná-la à educação e inclusão no Brasil e na América Latina.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 – Rápido contexto histórico e social da América Latina no final do século XIX

O final do século XIX na América Latina foi marcado pela inserção dependente no mercado global, pela modernização excludente e pelo surgimento do imperialismo norte-americano. As nações consolidaram suas repúblicas com forte influência cultural europeia e tensões sociais decorrentes da exclusão das maiorias. Esse período, frequentemente chamado por historiadores, como Boris Fausto (2009), de a consolidação da ordem oligárquica, moldou estruturalmente as desigualdades que a região enfrenta até hoje.

Diversos países tornam-se independentes, porém suas economias foram atreladas ao que se chama de inserção dependente do mercado global, ou seja, as recém-formadas repúblicas latino-americanas assumiram o papel de provedoras de matérias-primas e alimentos para as potências industrializadas, enquanto importavam produtos manufaturados e bens de capital. Basicamente se tornaram um modelo agroexportador, monoculturas voltadas para o exterior, como o café no Brasil, o guano e a prata no Peru, a carne e os grãos na Argentina, e o cobre no Chile, sendo que isso irá gerar enorme dependência de flutuações de preços do mercado exterior (Costa, 2005).

Além das transformações econômicas de exportação, outro ponto importante foi que, com o discurso do país estar rumo à modernização (e isso ocorreu em praticamente toda América Latina), os investimentos em infraestrutura foram direcionados aos interesses de quem já detinha

o poder econômico e não para beneficiar verdadeiramente o desenvolvimento das nações. Segundo Fausto (1997), ferrovias, portos e redes de telégrafos foram financiados por capital estrangeiro com a finalidade única de escoar mercadorias rumo ao oceano, sem integrar o interior dos países. Isso gerará uma enorme concentração de renda para alguns e miséria para a maioria.

Aliadas às transformações econômicas e remodelações dos espaços urbanos com o discurso modernizador, mas que só traria benefícios para poucos, outra chaga se alastraria por todo continente: as teorias raciais chegariam com força em toda América Latina nas últimas décadas do século XIX. Fundamentadas do racismo científico e no darwinismo social, inúmeros intelectuais abraçaram o determinismo biológico europeu para justificar a miscigenação ampla na América Latina. E, para impedir que a miscigenação se ampliasse, criaram projetos de “branqueamento” (Schwarcz, 1993). Ainda segundo Schwarcz (1993), o objetivo principal era modernizar nações predominantemente mestiças, negras e indígenas, em especial o Brasil, alinhando-se aos padrões eurocêntricos de civilização.

É neste contexto efervescente que Manoel Bomfim fará emergir todo seu pensamento, tornando-se um dos maiores e mais solitários opositores do racismo científico no Brasil e na América Latina. No seu período, a nata da elite intelectual justificava o atraso do país e da América Latina por meio de fundamentos de inferioridade racial e degeneração pela miscigenação, mas Bomfim se insurge contra esses intelectuais e, em riste, aponta sem titubear que os problemas nacionais e latino-americanos eram de ordem social, histórica e educacional. A sua teoria sobre o parasitismo social é tão inovadora e inquietante que provocará sua exclusão dos círculos sociais seletos do país.

3.2 – Parasitismo Social

De pronto, logo na introdução do livro *América Latina: males de origem*, Bomfim já alerta o leitor de que o livro nasceu espontaneamente, fruto de suas inquietações sobre os deslindes da América Latina. Sofrendo períodos de grandes reflexões em Paris, fruto de um choque cultural que também relatará em artigos futuros, o estudioso diz que o livro nasceu de um profundo amor ao Brasil e da solidão de um americano pela América Latina (Bomfim, 2008, p.2)

Dividido em cinco capítulos, Bomfim (2008) discorre em suas 291 páginas a teoria que demonstra como a colonização da América Latina cavou sulcos determinantes do nosso atraso, além de nos deixar de herança uma elite política mesquinha que só faria reproduzir os anos de colônia. No *primeiro capítulo*, Bomfim aponta que o sofrimento e subdesenvolvimento da

América Latina são frutos não de uma fatalidade biológica, pois essa questão é apenas para turvar do verdadeiro problema, qual seja, que aqui houve uma construção histórica e social decorrentes do parasitismo colonial (Bomfim, 2008, p. 13). Neste primeiro capítulo já se torna evidente a indignação de Bomfim contra o preconceito estrangeiro e em extrema defesa da dignidade dos povos latino-americanos, pois o autor nos diz que não somos considerados povos civilizados para os europeus, pois cá sofremos de atrasos inmensuráveis, restando-nos apenas e tão-somente desvantagens e encargos (2008, pp. 4-10).

No *segundo capítulo*, Bomfim se voltará ao fulcro de sua tese, é onde constrói o seu contradiscurso. É aqui que se dedica a refutar teorias deterministas³ e raciais, construídas na Europa e pelas próprias elites locais como embasamento para explicar nosso atraso econômico, social e político e todas as nações latino-americanas. Lembremo-nos que despontavam na época autores como Sílvio Romero, João Baptista de Lacerda e Nina Rodrigues que defendiam ferozmente as teorias racialistas (Schwarcz, 1993). Usando de um intertexto metafórico intencional, Bomfim faz diversas comparações e analogias com termos biológicos. Isso não é uma fuga para se tornar mero alvitre de intelectuais cientificistas, mas uma estratégia bem elaborada e calcada em seus anos de clínica médica. Bomfim usou da ciência biológica para se contrapor aos cientificistas. Centrando o foco em Parasitismo e Degeneração, Bomfim diz que as sociedades são como organismos vivos, que dependem de estímulos para se desenvolverem e se manterem salubres. É com as leis e ordenamentos sociais que se forma um equilíbrio que dará condições de desenvolvimento, regulando tempo e lugar. É no fino ajuste desse encontro que faremos uma sociedade mais perfeita e igualitária (Bomfim, 2008, p.17).

Portanto, para o autor, a sociedade adoece devido à falta de adaptação a determinadas condições especiais do meio. A cartada de Bomfim vem da seguinte questão que levanta: as sociedades latino-americanas oferecem um meio propício ao desenvolvimento? É desta indagação que Bomfim nos desvela que nosso atraso vem das deturpadas condições de formação das nacionalidades latino-americanas. Ao falar de degeneração, o autor volta sua análise a Portugal e Espanha: por que ambos degeneraram? E a flechada vem certa: porque se tornaram parasitas que sugaram um organismo vivo à exaustão. O movimento pendular do médico Bomfim e do pensador social Bomfim são constantes e propositais, posto que com as mesmas ferramentas cientificistas devolve a eles uma análise inovadora, dizendo que um animal marinho, outrora dotado de organização complexa e saudável, quando se torna parasita, ocorre

³ O determinismo geográfico é uma teoria do século XIX que defende que o meio ambiente natural (clima, relevo, vegetação) determina o desenvolvimento físico, cultural e social do ser humano.

a degeneração. Portanto, é o exercício constante de um órgão que o torna desenvolvido e adaptado; caso não o faça, atrofia. É do conjunto de todo organismo vivo e saudável, com alimentação e esforço contínuos, que haverá desenvolvimento – e assim é uma sociedade (Bomfim, 2008, pp. 18-24).

No *terceiro capítulo*, Bomfim prossegue na análise crítica das atuações de Portugal e Espanha na América Latina, e é aqui que o autor aprofunda sua tese mais revolucionária para a época: o *parasitismo social* exercido pelas metrópoles ibéricas é a verdadeira causa do subdesenvolvimento do continente. Estruturando este capítulo em três partes principais, Bomfim desconstrói a autoproclamada “superioridade” ibérica e discorre que o atraso latino-americano se deve a sua história, colonização e formação, não à raça. Portanto, para ele, herdamos o parasitismo social da colonização ibérica.

Neste capítulo Bomfim argumenta que a formação histórica de Portugal e da Espanha são as chaves para compreendermos como reproduziram suas violências além-mar. Sendo países moldados por séculos de guerras contínuas, como as Cruzadas e a Reconquista contra os mouros, fica compreensível a reprodução violenta e predatória que exerceram nas colônias. Assim portanto, divide Bomfim em três partes as características principais desses países que, ao final, se coadunam para a compreensão do parasitismo social: 1) ambos têm uma *educação guerreira*, ou seja, é intrínseco de sua formação cultural, por dezenas de gerações, o desenvolvimento e aperfeiçoamento de instintos belicosos; 2) ambos têm *formação predatória* muito aguçada, qual seja, formam um regime habituado a viver exclusivamente da exploração das colônias, invadindo, saqueando riquezas, cobrando tributos escorchantes e se apropriando do esforço alheio; 3) *sedentarismo e degeneração* natos, o que, para Bomfim, torna-se autoexplicativo ao mostrar que, sem as colônias para parasitarem e sugarem as riquezas, ao mesmo tempo em que estavam desacostumados a trabalhar, findaram em declínio econômico, mas não sem antes deixarem como herança estruturas sociais rígidas e corruptas que se alastraram por toda América Latina (Bomfim, 2008, pp. 31-63).

Bomfim fechará este capítulo repisando que os males da América Latina são históricos e sociais, distante de serem frutos de um determinismo geográfico ou de degenerescência da raça e que, portanto, podem ser sanados com instrução pública de qualidade e da educação em massa, focando na igualdade e cidadania.

No *quarto capítulo*, Bomfim divide em duas seções: A – Efeitos Gerais, que explica as decorrências de um organismo parasitado e B – Efeitos Especiais, que são os específicos que ocorreram nas nações da América Latina.

Ao explicar os *efeitos gerais*, Bomfim pormenoriza, novamente recorrendo a analogias das ciências biológicas, o que acontece com um organismo social quando é parasitado, que o parasitismo causa uma escassez material e moral da nação subjugada. Ao mesmo tempo, pelo lado econômico, o saque desenfreado das nações, que ficam sem suas reservas e riquezas naturais (ouro, prata, minerais, madeiras, animais), além de ter seu povo escravizado, sejam indígenas ou negros, acabam sem lucro algum, sendo tudo enviado aos colonizadores que enriquecem com pouco esforço. Já no campo político, os que representam os colonizadores ou mesmo os políticos das nações libertas, pouco fazem em prol da população, são verdadeiros tiranos espoliadores que subjugam o povo com repressões violentas, sem que haja contrapartida pela construção do bem estar social. O deslinde desses três componentes desembocará, segundo Bomfim, numa elite intelectual cabotina, posto que as reprimendas dos países ibéricos deixam de herança, também, a escassez de originalidade e de pensamento crítico, ficando somente os intelectuais que vão lucrar com as desgraças da nações, além de reproduzirem os discursos europeus (Bomfim, 2008, pp. 81-110).

Na parte dos *efeitos especiais*, o autor se empenha em explicar o legado reservado às nações espoliadas por séculos de parasitismo. Com uma linguagem clara e direta, esta parte se torna a mais expressiva do livro, pois Bomfim demonstra que a independência das colônias não expurga as estruturas internas de espoliação – pelo contrário, a elite que toma o lugar é igualmente perversa e pode sugar com mais intensamente, tanto que vão manter o regime escravocrata, os latifúndios, o desprezo pelos trabalhadores, pelo trabalho manual e pelos vulneráveis, recusando-se a fazer a inserção social dos descendentes de escravizados. Portanto, para Bomfim é como se fosse uma continuidade da espoliação dos países ibéricos, com vícios estruturais que se mantém ou se aperfeiçoam, como a corrupção e o sistema econômico de dependência da Europa, que leva a perenizar o subdesenvolvimento das nações latino-americanas (Bomfim, 2008, pp. 111-163).

No *quinto capítulo*, Bomfim se dedica a explicar um pouco mais suas posições contra o racismo científico e aclarar que referida teoria era somente uma explicação da Europa para que não se fizesse a inclusão de negros e indígenas no processo modernizador, além de evitar a miscigenação. A elite intelectual do país, segundo Bomfim, se apropria dessa falácia pois é destituída de brios suficientes para defender a população. Bomfim defende cabalmente que essa população desvalida deveria receber uma educação como reparação e para as nações evitarem ainda mais atrasos, pois só assim seria possível combater a herança colonial que permanecia persistente, explorando e mitigando o verdadeiro desenvolvimento, ou seja, reproduzindo os erros dos países ibéricos que nos parasitaram (Bomfim, 2008, pp. 181-242).

Bomfim formulará como deveria ser a “nova sociedade”, sempre repisando sua posição contra o racismo científico e a favor da miscigenação. É aqui que o autor mais defende os indígenas e os negros, combatendo com veemência o princípio de superioridade das raças. Os países ibéricos, diz o autor, além de serem notáveis na capacidade de parasitarem as colônias, possuem uma energia patriótica que, em sua intensidade, faz com que se resulte em exageros e perversões e, desta colonização exploratória, fez nascer as revoltas e o caudilhismo latino-americano. Outro ponto de destaque nos colonizadores peninsulares é a extraordinária capacidade de assimilação social, conseguindo surpreender como fizeram a fusão das raças como em nenhum outro lugar do mundo.

Na sequência, no intuito de entendermos melhor o pensamento de Manoel Bomfim sobre a educação na América Latina, seguiremos com a conclusão do livro e de sua teoria.

3.3 Educação como libertação e cidadania

Bomfim argumentava que somente uma educação pública e universal de qualidade poderia quebrar esse ciclo autodestrutivo das nações latino-americanas. O estudioso irá apresentar métodos de como fazer a superação do passado espoliativo da nação, calcando nos seguintes pontos: 1) a cura contra a chaga do parasitismo viria na transformação dos cidadãos, passando de súditos ignorantes a cidadãos conscientes, e isso só aconteceria com uma educação que contemplasse a todos, a educação igualitária, 2) firme combate às teorias raciais pois, como ele repisa em todo livro, não há povo biologicamente inferior, apenas falta dar aos cidadãos oportunidades de aprenderem e isso viria com escolas públicas.

Para reforçar ainda mais seu posicionamento, volta a destacar que a escola para os pobres é fundamental, com universalização do ensino básico e gratuito como o dínamo de energia que faria o desenvolvimento econômico das nações latino-americanas. Outra afirmação que faz é que uma República real, verdadeira e democrática, não seria possível de existir se o povo continuasse sem instrução, pois a cidadania real só nasceria no seio da educação, nos bancos escolares, como coloca (Bomfim, 2008, pp. 242-268)

Segundo Aguiar (2000), permeia praticamente em todas as obras de Bomfim que os povos latino-americanos eram vítimas da sua formação colonial. Para o pensador, não há o que refutar sobre a chaga deixada pelos países ibéricos, um misto de miséria, fome, espoliação e deseducação que formavam os traços mais relevantes e visíveis desse processo histórico que, para ser rompido, exigiria um esforço hercúleo em educação massiva. Por isso sua defesa imperiosa na educação primária e pública de qualidade como sendo a saída para os “males” que afligiam o Brasil e a América Latina (Aguiar, 2000).

Para Bomfim, o papel de fornecer instrução à massa proletária caberia, exclusivamente, aos governos latino-americanos. Segundo Alves Filho (2008), Bomfim acreditava que esse ideal educacional só não se concretizava devido ao fracasso em que se desfaziam todos os programas políticos educacionais gerados a partir da Primeira República, sendo que a ação política das classes dirigentes não cumpriam o pensamento positivista de ordem e progresso, em alta naquele momento, tampouco eram capazes de defender que a educação deveria ser o mote principal de uma república democrática e livre.

Bomfim acreditava não ser possível as classes populares, por si mesmas, produzirem um esforço organizado o suficiente para instruírem-se e, assim, saírem desse abandono. Ao mesmo tempo, não nutria ilusão de que as classes dominantes latino-americanas mudariam sua herança parasitária, de tudo sugar do povo sem nada dar em troca, pois a classe política da época era incapaz de cumprir os ideais republicanos. Finaliza o livro considerando ser uma utopia o modo como faríamos a educação popular para libertar o povo de políticos que ele chamava de “sanguessugas”. Porém, considera a utopia necessária para formularmos uma saída, que mais estudos seriam necessários, posto que a resposta ele não possuía (Bomfim, 2008, pp. 289-291).

Este imbricamento no final da obra *A América Latina...* só será desfeito vinte e oito anos depois, posto que Bomfim seguirá em seus estudos, análises e observações de vários países latino-americanos. É no livro *O Brasil nação...*, que escreve em 1931, já adoecido, que surge a proposta de uma revolução nacionalista como movimento primeiro e principal de libertação do proletariado, em especial o brasileiro. Para ocorrer a libertação da classe burguesa parasitária, deveria começar pela distribuição de terras, educação das massas populares, legislação robusta em proteção trabalhista e previdenciária, alimentação para todos, reforma urbana e política de habitação e, ficando terminantemente extintas, as forças militares, que só serviam para reprimenda e violência contra o próprio povo (Aguar, 2000, pp. 510-514). Nesta mesma obra, Bomfim (1931) diz que qualquer revolução no Brasil só atingiria êxito se viesse das classes populares, que a revolução deveria emergir de baixo para cima, como nos moldes zapatistas. Bomfim repelia veementemente que a revolução viesse conduzida pelas elites ou vias autoritárias, a revolução só alcançaria êxito se apoiada em organização das massas populares (1931).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

As análises de Manoel Bomfim oferecem uma compreensão profunda e crítica das estruturas de desigualdade e exclusão que marcam as nações latino-americanas. Seus trabalhos, em especial em *A América Latina...*, revelam as raízes do atraso da América Latina e da

construção de uma estrutura social que prossegue na marginalização das populações negras e indígenas e a perpetuação das desigualdades sociais, ao não oferecerem educação pública universal de qualidade, problemáticas que permanecem centrais no debate contemporâneo.

Em Aguiar (2000) encontramos um excelente fechamento do livro, sendo que resume a obra *A América Latina...* em nove principais questões que atravessam e dão grande coerência ao pensamento social proposto por Bomfim, sendo elas: 1) a negação veemente do racismo científico, do arianismo e do determinismo geográfico presentes no pensamento intelectual nacional no início do século XX; 2) a natureza classista, exploratória, parasitária e antipopular do Estado republicano brasileiro; 3) o parasitismo ibérico como explicação central para o fenômeno do atraso latino-americano, 4) a saída para esse emperramento com educação pública, popular e massiva para refrear esses “males de origem”; 5) a adoção do antimilitarismo como postura política de defesa dos ideais libertários da República; 6) a democracia, a liberdade e a cidadania como valores universais do homem; 7) a busca pela identidade nacional; 8) o nacionalismo radical como caminho para organização do Estado e 9) a revolução nacional e popular indispensável para a mudança nas relações (desiguais) de classes.

Através de suas obras, Bomfim nos convida a questionar o passado e a reavaliar as estruturas sociais atuais, destacando a necessidade urgente de transformações políticas, econômicas e sociais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva – inclusive com revolução popular. Suas contribuições continuam a ser uma base sólida para as discussões sobre a desconstrução de narrativas racistas e a promoção da equidade.

No entanto, ainda existem desafios significativos para avançar na implementação de políticas públicas eficazes que abordem essas desigualdades históricas presentes em toda a América Latina. A persistência de práticas discriminatórias, a resistência de setores conservadores e a falta de ações concretas para transformar as estruturas sociais indicam que a luta por justiça social continua.

As perspectivas futuras exigem um compromisso contínuo com a educação, o fortalecimento das políticas de ação afirmativa, a ampliação da representação das populações marginalizadas e a reforma das instituições que perpetuam a exclusão. Nesse cenário, as obras de Manoel Bomfim não só oferecem um diagnóstico preciso, mas também apontam para o caminho da transformação, lembrando-nos da necessidade de nunca abandonar a luta por uma sociedade mais igualitária e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido** – tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. São Paulo: Anpocs & Tothschild, 2000.

ALVES FILHO, Aloísio. **Manoel Bomfim**: combate ao racismo, educação popular e democracia radical. São Paulo, Expressão Popular, 2008, 88 p.

BOMFIM, Manoel José do. **A América Latina**: Males de origem. Rio de Janeiro: Centro, Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, 291 p.

BOMFIM, Manoel José do. **O Brasil nação**: realidade da soberania brasileira. 2ª ed., Rio de Janeiro, Topbooks, 1996 [1931], 630 p.

CASTRO, Rita Lima de. O sentimento do amor à pátria latino-americana expresso em palavras - A América latina: males de origem. **Cadernos Prolam/USP**, v.16, n.30, p.212-220, jan./jun.2017

COSTA, Jean Carlo de Carvalho. O problema nacional, globalização e o pensamento social no Brasil: notas sobre as implicações do “nacional” em Manoel Bomfim. **Política e Trabalho**, 2005, 22:165-184.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 660 p.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930** – História e historiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 16ª Ed.

SANTOS, José Geraldo. Manoel Bomfim e Manuel de Oliveira Lima: concepções historiográficas acerca do Pan-Americanismo e da América Latina. **Tese de Doutorado em História, Universo**, Niterói-RJ, 2022, 323 páginas.

SANTOS, Patrick Silva dos. Manoel José do Bomfim e Afonso Henriques de Lima Barreto: Estudo comparado de suas interpretações acerca de uma República "enferma". **Tese de doutorado em Ciências Sociais - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia**, Niterói, 2023. 458 f.: il.

SANTOS, Patrick Silva; LEME, Alessandro André. As marcas da escravidão na sociabilidade republicana na perspectiva de Manoel Bomfim e Lima Barreto (1905-1920). **Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto**, v. 48, 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 287 p.